

O III Acordo Ortográfico da língua portuguesa

FREI HERMINIO BEZERRA DE OLIVEIRA*

Incoerências de A a Z



III Acordo Ortográfico (1990) está em fase experimental desde 01/01/2009, com promessa de ser efetivado em 01/01/2016. O texto do Acordo contém muitas dificuldades.

O meu interesse pelo Acordo Ortográfico surgiu por uma obrigação profissional. Em setembro de 2006, fui convidado pela Cúria Geral da Ordem Capuchinha, com sede em Roma, para prestar o serviço de tradutor para a língua portuguesa. Eu fiz esse serviço de 2007 a 2013, no primeiro sexênio do Pe. Geral, Frei Mauro Jöhri. Esse trabalho me deu oportunidade de ler todo o **VOLP** = Vocabulário Oficial da Língua Portuguesa.

A obrigação de usar a linguagem correta, segundo as normas atuais, levou-me a ter que me aprofundar no Acordo Ortográfico, que já estava na fase de aprovação pelo Congresso.

A organização da língua portuguesa

Portugal existe como povo desde 1139, depois da batalha de Ouriques, contra os Mouros e, aos poucos consolidou-se como reino independente, sobretudo, após o reconhecimento do Papa Alexandre III em 1179. Antes disso Portugal era um pequeno Condado, cujas povoações principais eram Porto e Coimbra. A língua portuguesa formou-se do

* Tradutor e Etimologista.

tarde Duarte Nunes de Leão, *1530 †1608, deu a sua colaboração publicando: *Orthographia do Português (1576)* e, depois, a sua obra mais completa, *Origem da Língua Portuguesa (1606)*, onde discute pronúncia, concordância e procura organizar a nossa ortografia. O nosso alfabeto era basicamente o alfabeto latino, com 23 letras, incluindo o *k*, e o *y*, mas não o *w*. Esse alfabeto era acrescido de uma série de dígrafos: CH, LH, NH, PH, RH, TH, para indicar a origem grega de algumas palavras. A língua espanhola dá status de letra ao dígrafo “*ll*”.

Uma língua se organiza através da etimologia e da fonética. As línguas organizadas mais recentemente tendem a privilegiar a fonética; as mais antigas, a etimologia. Assim, o francês tem tanto PH, RH e TH. Esse foi o ponto nodal dos debates para elaborar os Acordos Ortográficos.

A primeira organização oficial da língua portuguesa

No Brasil, a Academia Brasileira de Letras, fundada em 20/07/1897, apresentou, em 25/04/1907, uma resolução para suas publicações oficiais, com nove pontos sobre a ortografia da língua. Entre outros: eliminar as letras *k*, *y*, *w*; suprimir as consoantes geminadas exceto *rr* e *ss*; anular as consoantes duplas não pronunciadas; ab-rogar o *h* do meio de palavras compostas, pois se escrevia deshumano, inhábil, deshonra; escrever: Deus, céu, meu, teu, seu, em vez de Deos, ceo, meo, teo, seo. A resolução foi tomada por 12 acadêmicos, entre eles: Machado de Assis, Euclides da Cunha, Athur Azevedo, Inglês de Souza, Sílvio Romero e José Veríssimo.

Em Portugal o foneticista e lexicógrafo português Aniceto dos Reis Gonçalves Viana lançou um livro intitulado: **ORTOGRAFIA NACIONAL** (1904). Seu livro causou escândalo, pois, pelas normas da época deveria ser escrito: **ORTHOGRAPHIA NACIONAL**.

Ele propunha a simplificação da escrita do português com a adoção de 4 regras básicas:

1 – A eliminação dos grupos: *ph*; *rh*; *th*; e do *y*. Na época se escrevia: pharmácia, rheumatismo, rhombo, rhonco, theologia e também, lagryma, cysne, hymno, lyrio, martyr, mytho, xysto...

2 – A eliminação das consoantes dobradas, exceto “*rr*” e “*ss*”. Na época se escrevia: accionar, callo, cavallo, coleccionar, delle, direccionar, gallo, nullo, sella, valle, vella, velludo, villa...

3 – A eliminação das consoantes não pronunciadas que não influenciam na pronúncia da vogal anterior. Na época se escrevia: acção, affectar, affeição, agregar, alludir, applaudir, attenção, corruptella, collina, gotta, Ignácio, immediato, innocente, installar, sabbado, setta...

4 – Regularização da acentuação gráfica.

Portugal começou a discutir as normas léxicas da língua. Foi nomeada uma Comissão presidida por Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, que aceitou a sua proposta. A sistematização foi feita e oficializada por Portugal em 1º./09/1911. O Brasil, não foi sequer convidado a participar. Apenas recebeu o comunicado das decisões um pouco antes de sua publicação.

A decisão de Portugal encontrou resistência tanto lá, como aqui. Após muita relutância, o Brasil aprovou essas normas, em 1915. As discussões continuaram e o poeta Osório Duque Estrada – autor da letra do hino nacional – através da ABL, Universidades e outros setores nacionais, conseguiu fazer com que o Governo brasileiro abolisse essas normas em 1919.

Acordo Ortográfico de 1931

O desejo de unificação da grafia de nossa língua continuou vivo. Por isso, em 1929 foi reunida uma Comissão internacional (Portugal e Brasil), para propor um Acordo sobre a normatização unificada da língua portuguesa, a exemplo do que conseguiram os 22 países de língua espanhola. Após longas e difíceis tratativas o Acordo foi publicado em 30/04/1931. Esse I Acordo praticamente ratificou as normas emanadas por Portugal em 1911, que privilegiavam a fonética, com pequenos reajustes, entre eles, a exclusão das letras: *k*, *w*, *y*.

Nessa Comissão, teve papel importante o dramaturgo português, Júlio Dantas +1876 †1962 – autor da célebre peça teatral “*A Ceia dos Cardeais*” (1902) – obra traduzida em muitas línguas e encenada no Brasil pelo ator Procópio Ferreira. Depois, Júlio Dantas foi embaixador no Brasil de 1941 a 1949, quando se aposentou da vida pública.

Em 1932 deu-se, no Brasil, a Revolução Constitucionalista. A nova Constituição de 1934 ordenou que a ortografia do português no Brasil fosse a mesma da Constituição de 1891. A Academia Brasileira de Letras, Universidades, Juristas, professores e vários outros setores

protestaram contra isso e em 1938 foi estabelecido que voltaria a vigorar o Acordo Ortográfico de 1931. Pode-se imaginar a confusão que se estabeleceu com essa decisão.

Acordo Ortográfico de 1945

No início da década de 1940 – apesar da II Guerra Mundial – Portugal e Brasil decidiram reunir-se para tentar outra vez, um Acordo Ortográfico. Depois de anos de debates e discussões, em agosto de 1945, na hora de assinar o documento, o que era para ser um acordo virou desacordo. No centro da polêmica estavam as consoantes mudas – sobretudo o *c* e o *p*. O Brasil queria retirar, seguindo a proposta de Portugal de 1911 – ratificada em 1931 – mas Portugal não aceitava. Portugal queria abolir o trema, mas o Brasil não concordava.

O Acordo foi, finalmente, assinado em setembro de 1945, mas dando liberdade de seguir a eufonia ou a etimologia. Foi aí que nasceram as duas línguas: o português de Portugal e o do Brasil. Por isso, em Portugal eles dizem e escrevem: acção, activo, factor, baptismo e óptimo e, no Brasil, nós dizemos e escrevemos: ação, ativo, fator, batismo e ótimo.

Portugal aboliu o trema e o Brasil continuou com ele até esse Acordo. A escolha que o Brasil fez após o II Acordo, acabou por nos beneficiar no III Acordo de 1990, o qual privilegiou mais a fonética do que a etimologia. O português do Brasil sofre modificação em 0,5 de suas palavras; já o de Portugal, três vezes mais, isto é, em cerca de 1,5 das palavras da língua.

Em 1971, o presidente Emílio G. Médici fez uma minirreforma: eliminou o trema de palavras como saudade e vaidade... Excluiu o acento circunflexo de palavras como: almoço, doce, gosto, endereço, ele, dele, nele, pelo... Suprimiu o inútil acento grave dos advérbios terminados em “mente” e de diminutivos como avozinha... Descobriram que ele de nada servia.

Na verdade, os sinais gráficos são convenções ou criações que passam a ter o valor que lhe é atribuído, quando têm seu uso consolidado. Em grego, por exemplo, o sinal de interrogação é o ponto e vírgula = [;]. As línguas eslavas e outras têm acentos no *ć*, no *ǰ*, no *h̄*, no

ќ, no ł, no ř, no ś, no ź... uma coisa que para a nossa língua é impensável, acentuar uma consoante.

Certamente um grego vai achar estranho, o nosso sinal indicativo de interrogação [?] no lugar de seu [;]. Assim como para os espanhóis, inicialmente é muito estranho que o português não use o sinal de interrogação invertido [¿] antes de uma frase interrogativa, como fazem eles. Em português um “s” entre duas vogais tem som de “z”, já em espanhol, nunca tem.

Acordo Ortográfico de 1990

O sonho de termos uma só língua portuguesa persistiu e pelo final da década de 1980, sete países de língua Portuguesa – Timor Leste não participou – reuniram-se para elaborar o III Acordo Ortográfico. Depois de anos de discussão, a Comissão elaborou um texto com XXI Bases e com mais de 100 normas. Portugal conseguiu impor a eliminação do trema, abolido lá em 1945. Houve a decisão acertada de readmitir as três letras cassadas desde 1931: *k, w, y*.

A Comissão que elaborou o texto, na sua inocência, determinou que ele entraria em vigor em 1994. Os Congressos de diversos países demoraram muito a aprovar o texto. E até o final de 2014 Angola e Moçambique ainda não o tinham aprovado. Esse texto é o que está sendo dado a conhecer através das escolas e dos meios de comunicação. Ele só começou a ser divulgado para a população em 2009, quando entrou em uso em fase experimental. Foi prometido que entraria em vigor em 1º/01/2013. Posteriormente essa data foi remarcada para 1º/01/2016. Eu tenho dúvidas sobre a sua efetivação. O texto é confuso, contraditório, lacunoso e omissos em vários pontos.

Contradições, omissões e pontos obscuros

A fonte mais segura para a pesquisa sobre a grafia das palavras da língua é o VOLP = Vocabulário Oficial da Língua Portuguesa, que existe desde 1945 e é periodicamente atualizado. Se a língua é unificada – o Acordo foi feito para se ter uma única língua portuguesa – os VOLPs deveriam ser idênticos. Mas isso não acontece com os VOLPs de Portugal e do Brasil.

Os termos: ejeção, ejetado, ejetar, ejetável, ejetólito, ejetor, têm grafia única para o VOLP de Portugal e grafia dupla para o VOLP do Brasil, com um “c”, antes do ç e do t.

No VOLP do Brasil, *úmido* tem grafia única, já o de Portugal, admite a forma dupla: *húmido* ou *úmido*. O VOLP do Brasil admite as formas duplas: *cãibra/câimbra*, *intacto/intato*, o de Portugal, só *cãibra* e *intacto*. No VOLP de Portugal aparece *baptista* e *batista*; *baptistino* e *batistino*, no do Brasil apenas a forma *batista* e *batistino*. No VOLP do Brasil a forma dupla *lectivo/letivo*, no de Portugal apenas forma “*le-tivo*”. Pelo uso tradicional seria o inverso.

O VOLP de Portugal segue a regra geral para as expressões com dois elementos: *não-cooperação*, *não-eu*, *não-euclidiano*, *não-ficção*, *não-fumante*, *não-governamental*, *não-linear*... (Base, XV,1). O VOLP do Brasil – contrariando a regra – traz as mesmas expressões, sem hífen. Com certeza, não são essas as únicas divergências entre eles.

Termos oriundos da mesma raiz com grafias diversas

Apresento, a seguir, uma série significativa de palavras da mesma raiz latina, nas quais algumas têm grafia dupla e outras não. Às vezes trata-se de um verbo que tem grafia única no infinitivo, como (**refletir**) e grafia dupla no particípio passado (**reflectido** ou **refletido**).

Não entendemos os critérios para essas decisões. Quem usa a língua fica confuso e inseguro. É impossível decorar tantas exceções ilógicas e nem sempre temos um VOLP à mão.

Coactar tem forma única, mas tem forma dupla *coact*o/coato.

Contrafação tem forma única, mas tem forma dupla, *contrafact*or/contrafator.

Didatilia tem forma única, mas tem forma dupla *didact*il/didátilo.

Difração tem forma única, mas tem forma dupla, *fracç*ão/fração.

Direcional tem forma única, mas tem forma dupla: *multidirec*ional/multidirecional.

Ductor tem forma única, mas tem forma dupla *duct*o/duto.

Das 302 palavras derivadas de *eléctrico* constantes no VOLP foram poupadas do “c”: *eletricidade*; *eletricismo*; *eletricista*, *eletrici-tário* e os compostos, *bioeletricidade* e *zoeletricidade*.

Algumas delas têm forma única com “c”: electrocintilografia; electroexcisão; electrofotóforo; mas é de se estranhar a forma dupla de: electróforo/eletróforo.

Eletrocirúrgico tem grafia única, mas tem forma dupla: electrocirurgia/eletrocirurgia.

Electrocopista tem grafia única, mas tem forma dupla: electrocópia/eletrocópia.

Electrodinamométrico é única, mas tem forma dupla: electrodinômetro/eletrodinômetro.

Electrofluorescente tem grafia única, mas é dupla: electrofluorescência/eletrofluorescência.

Ereção tem grafia única, mas têm forma dupla: erectil/eretil; erecto/ereto; erector/ereter.

Ejeção/ejeção e todos os seus cognatos têm a forma dupla opcional.

Faturar tem grafia única, mas tem forma dupla o derivado, factura/fatura.

Fruto tem grafia única, mas o seu composto tem forma dupla: usofructo/usofruto.

Heterodactilia tem grafia única, mas tem forma dupla: heterodáctilo/heterodátilo.

Hexadactilia tem grafia única, mas tem forma dupla: hexadáctilo/hexadátilo.

Injetar tem grafia única, mas tem forma dupla o derivado, injector/injetor.

Lactação tem grafia única, mas tem forma dupla o derivado, lactífloro/latífloro.

Noturnal, noturnância, noturnidade e noturno – seguindo a eufonia – têm forma única.

Noctifobia, noctíforo, noctífilo, noctíforme, noctífugo, noctígeno, noctígero, noctiluco, noctiluzir, noctívagante, noctívagar, noctívidente, noctívigilo, noctivisão, noctívolo, noctúria, noctúrico... seguindo a etimologia, elas conservam o “c” da sua raiz latina: “noctis”.

Curiosamente, outras palavras dessa mesma raiz latina têm forma dupla:

noctambulação/notambulação; noctambulante/notambulante; noctambular/notambular;

noctâmbulo/notâmbulo; noctívago/notívago, todas derivadas da mesma raiz “noctis”.

O VOLP não traz noturnamente. Essa variedade de formas causa estranheza e nos confunde.

Palavras da raiz latina (noctis) e começando com o mesmo prefixo têm três critérios diferentes:

- a) seguindo a eufonia, como dizemos noturno (sem pronunciar o “c”), não escrevemos nocturno;
- b) seguindo a etimologia, pois elas vêm do latim, “noctis” = noite, conserva-se o “c” da raiz;
- c) sistema misto, isto é, pode-se usar ou não o “c” da raiz, portanto, com ou sem “c” e está certo.

Objeto tem grafia única, mas seu derivado tem forma dupla: objectar/obj^ojetar.

Obstupefação tem grafia única, mas o derivado tem forma dupla: fação/fação.

Recolecção tem grafia única, mas o derivado tem forma dupla: recolecta ou recoleta

Redentor tem grafia única, mas o derivado tem forma dupla: redempto/redento.

Refletir tem grafia única, mas tem forma dupla: reflectido/refletido (participio passado).

Refratometria tem grafia única, mas tem forma dupla: refractômetro/refratômetro.

Retalgia tem grafia única, mas seu derivado tem forma dupla: rectal/retal.

Sectil tem grafia única, mas seu derivado tem forma dupla: inséctil/insétil.

Setorizar tem grafia única, mas seu derivado tem forma dupla: sector/setor.

Transdutível tem grafia única, mas tem forma dupla: transduçtor/transdutor.

Tridaçtilíneo tem grafia única, mas tem forma dupla: tridaçtilídeo/tridatilídeo.

Trisseçtar tem grafia única, mas o derivado tem forma dupla trisseçção/trisseção.

Tumefato tem grafia única, mas tem forma dupla: tumefação/tumefação.

Vivissectar tem grafia única, mas tem forma dupla: vivisseccção/vivisseçção.

Outro caso curioso é o das palavras em **omni**. Têm grafia dupla: ômnibus/ônibus; omnicolor/onicolor; omnidirecional/onidirecional; omniforme/oniforme; omnílingue/onilíngue; omnímodo/onímodo; omnipalrante/onipalrante; omniparente/oniparente; omnipessoal/onipessoal; onnipotência/onipotência; onnipresença/onipresença; omnisciente/onisciente; omniscópio/oniscópio; omnissapiência onissapiência; omnividência/onividência; omnivoracidade/onivoracidade; omnívoro/onívoro.

Porém, outras palavras com o mesmo prefixo latino “omni” só têm forma única: onifulgente, onifulgor, onígrafo, onipatente, oniproductivo, oníssonno, onívago e onívomo.

O dicionarista Antônio Houaïs, grande autoridade no assunto, não registra as palavras em “omni”. Ele remete o termo “omni”, à forma “oni”.

As palavras designadas no VOLP como de dupla grafia estão sempre corretas com uma grafia ou outra. Você deve andar com o VOLP, livro de 28x20 cm, 877 páginas, que pesa 2,05 kilos. Será que os professores e corretores de provas de todos os países aceitam essa duplicidade?

Essas incoerências tornam a língua cheia de exceções e contradições, dificultando seu uso correto, sobretudo para os estrangeiros. Qual é a lógica para a dupla ou tripla forma? Como se pode explicar isso? Com a língua unificada, os estudantes dos oito países lusófonos terão a garantia de que seus textos serão corrigidos com o mesmo critério em qualquer país.

A duplicidade opcional de grafia em centenas e centenas de palavras:

A: abjeccção/abjeçção; accepção/acepção; accessível/acessível; accessorio/acessorio; accto/afeto...

B: bacctericida;batericida; biccção/bijeção; birrefraccção/birrefração; bissecctriz/bissetriz...

- C:** cãibra/câimbra; caracterial/caracterial; ceptro/cetro; coleçção/co-leçção; contacto/contacto...
- D:** dáctilo/dátilo; dactiloteca/datiloteca; deflectir/deflectir; dejectável/dejetável; dialectal/dialectal...
- E:** efracção/efracção; ejeçção/ejeçção; electrocirurgia / eletrocirurgia; epacta/epata...
- F:** factivel/fativel; flectível/flectível; fleugma/fleuma; fracção/fração; fructose/fructose...
- G:** genuflectir/genuflectir; gimnandro/ginnandro; gimnópode/ginnópode; gimnóptero/ginnóptero...
- H:** héctico/héctico; heptadáctilo/heptadátilo; heteroinfeçção/heteroinfeçção...
- I:** icteria/iteria; incorrupto/incorruto; intelecto/intelecto; introjeçção/introjeçção...
- J:** jactância/jatancia; jactancioso/jatancioso; jactar-se/jatar-se; jacto/jato; jactura/jatura...
- L:** láctea/láctea; lacticínio/lacticínio; lactifloro/lactifloro; leccionar/lectionar; lectivo/lectivo...
- M:** manufactura/manufatura; microelectrometro / microelectrometro (Portugal microelectrometro)
- N:** narcoléptico/narcoléptico; neptunais/netunais; nictófilo/nitófilo; noctívago/notívago...
- O:** omnímodo/onímodo; omnívoro/onívoro; optimismo/optimismo; óptimo/óptimo;
- P:** pré-requisito/prerrequisito; prospecto/prosperto; punctiforme/punctiforme; punctura/punctura...
- Q:** quimiotactismo/quimiotactismo; quinta-essência/quintessência; quodidiano/cotididiano...
- R:** radioelectrocardiograma/radiolectrocardiograma; rarefacto/rarefato; refracção/refracção;
- S:** seçção/seçção; septiforme/setiforme; septupleta/setupleta; súbdito/súbdito; súbtil/súbtil...
- T:** táctica/tática; táctil/tátil; técnico-táctico/tecnico-tático; tetradactilia/tetradactilia...
- U:** uretrorrectal/uretrorrectal, mas vesicorrectal é forma única; usufructo/usufructo...
- V:** vecturação/veturação; vector/vetor; vindictura/vindictura; viviseçção/viviseçção...

Z: zigodactilia/zigodatilia; zigotaçtismo/zigotatismo; zoelectricidade/zooletricidade...

A duplicidade opcional de acentos em centenas e centenas de palavras:

- A:** Abdômen/abdómen; anacrônico/anacrónico; anônimo/anónimo; Antônio/Antônio...
- B:** Babilônia/Babilónia; bangalô/bangaló; bebê/bebé; biênio/biênio; bônus/bónus; bongô/bongó...
- C:** Colônia/colónia; caratê/caraté; comitê/comité; congênito/congénito, consomê/consomé
- D:** Daltônico/daltónico; decênio/decénio; demônio/demónio; dosômetro/dosómetro...
- E:** Eugênio/Eugénio; ecônomo/ecónimo; efêmero/efémero; eletrônico/electrónico...
- F:** Febrônio/Febrónio; Filêmon/Filémon; fenômeno/fenómeno; fotogênico/fotogénico...
- G:** Gênova/Génova; gênero/género; gênesis/génesis; gênio/génio; giroflê/girolflé; glissê/glissé...
- H:** Hipômenes/Hipómenes; habituê ou habitué; helênico/helénico; homônimo/homónimo...
- I:** Ifigênia/Ifigénia; idôneo/idóneo; incômodo/incómodo; insônia/in-sónia; irônico/irónico...
- J:** Jerônimo/Jerónimo; Jansênio/Jansénio; Jônatas/Jónatas; japonico/japónico; jônio/jónio...
- K:** Kelvinômetro/kelvinómetro, kênosis/kénosis...
- L:** Lapônia/Lapónia; lacônico/lacónico; laquê/laqué; lêmure/lémure; litogênese/litogénese...
- M:** Macedônia/Macedónia; maçônico/maçónico; mandê/mandé; matrimônio/matrimónio...
- N:** Nicômaco/Nicómaco; nanômetro/nanómetro; nenê/nené; nênia/nénia; nipônico/nipónico...
- O:** Olênio/Olénio; obcônico/obcónico; odômetro/odómetro; ômega/ómega; ônix;ónix; ônus/ónus...
- P:** Pacômio/Pacómio; pavê/pavé; psychê/psyché; piquê/piqué; plutônio/plutónio; purê/puré...

- Q:** Quênia/Quênia; quatriênio/quatriênio; quinquênio/quinquênio; quelidônio/quelidônio...
- R:** Rômulo/Rómulo; Rondônia/Rondónia; radiofônico/radiofónico; radiômetro/radiómetro...
- S:** Sêneca/Séneca; sêmen/sémen; septênio/septénio; sicônio/sicónio; sinfônico/sinfónico...
- T:** Teotônio/Teotónio; tacômetro/tacómetro; tênia/ténia; tênuê/ténue; talassômetro/talassómetro...
- U:** Udômetro/udómetro; ultrassônico/ultrassónico; urêmico/urémico; ufômano/ufómano...
- V:** Vênus/Vénus; Verônica/Verónica; vêneto/véneto; vênula/vénula; vômito/vómito...
- X:** Xênia/Xénia; xantogênio/xantogénio; xilarmônico/xilarmónico; xilofônio/xilofónio...
- Z:** Zazônia/Zazónia; zenônico/zenónico; zoogênico/zoogénico; zoonômico/zoonómico...

Isso deixa entrever que a Comissão do III Acordo (1990) passou pelo mesmo impasse ocorrido quando do II Acordo em 1945. Por desacordo ela apelou para formas duplas de grafia e de acentos. Não há explicação plausível para acentos diversificados numa palavra. O acento apenas indica a sílaba forte, seja ele agudo, grave ou circunflexo. A Comissão poderia ter escolhido no par ou ímpar, um só acento. Foi uma decisão pouco feliz, pois elimina a desejada unificação. O texto dá permissão tácita para interpretações diversas, estabelece exceções sem justificativas plausíveis, permite duplicidades dúbias e leva a correções diferenciadas de textos.

Eu não quero ser pessimista, mas a confusão estabelecida pelo texto do Acordo é enorme. Isso põe em risco a sua assimilação, condição para a sua aceitação plena. Os otimistas acham que é um passo – o melhor que se conseguiu dar – para uma unificação futura. Quem sabe no IV Acordo se chegue à tão sonhada unificação do português. Seria muito bom que ele viesse logo.

Uma decisão simples poderia ter evitado isso: Após a elaboração do texto pela Comissão, ele deveria ter sido submetido às Academias de Letras, às Universidades, aos professores e aos muitos estudiosos da língua, de cada país, para ser avaliado e receber as sugestões e propostas de melhora. Com certeza ele teria sido aperfeiçoado, e muito.

O complicado uso do hífen em português

Aqui eu vou apenas apresentar alguns pontos confusos das regras do hífen nas duas Bases, a XV e a XVI. Das 100 regras do Acordo, mais de 30 delas são sobre o uso do hífen.

Nas regras do hífen existem exceções sem justificativas. Por que escolher expressões para serem exceção da regra, sem motivos plausíveis? O hífen foi supresso e sobretudo acrescentado, sem que se compreenda claramente o motivo.

A Base XV, 1 diz: usa-se o hífen nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação: decreto-lei, tenente-coronel, amor-perfeito, afro-luso-brasileiro...

Exceção dessa regra: Os compostos que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, paraquedas, paraquedista, pontapé...

Em muitos casos há dúvidas sobre se uma expressão perdeu a sua noção de composição.

O VOLP traz expressões de dois termos sem o hífen: não cooperação, não eu, não euclidiano, não ficção, não fumante, não governamental, não linear, não metal, não viciado... E não é dada nenhuma explicação para isso. Isso seria apenas uma distração dos elaboradores?

O VOLP do Brasil traz expressões semelhantes às citadas acima, com outro critério: sem-barba, sem-cerimônia, sem-fim, sem-lar, sem-modos, sem-nome, sem-pátria, sem-terra... todas com hífen, seguindo a regra geral. Qual delas seria a exceção da regra? Qual o motivo?

As duas expressões básicas da teoria econômica de Karl Marx, inexplicavelmente têm grafia diferente: **mais-valia** (com hífen) e **não valia** (sem hífen), no VOLP do Brasil. Qual seria a explicação possível para essa diferença?

Essas contradições revelam uma sem-gracice, sem nenhuma razão de ser. Elas dificultam a aprendizagem da língua, e, sobretudo, são contra a pretendida unificação, tão desejada.

A Base XV, 6, diz: “Nas locuções de qualquer tipo, sejam elas substantivas, adjetivas... não se emprega em geral o hífen, salvo algumas exceções consagradas pelo uso: água-de-colônia; arco-da-velha; cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao Deus-dará, à queima-roupa.”

Ora, existem tantas outras iguais: água de cheiro; lua de mel, andar na linha, camisa de força, dor de cotovelo, entra e sai, fechar o paletó, fora da lei, ir e vir... tão tradicionais quanto elas, que poderiam ter sido contempladas com hífen! Ou teriam elas sido castigadas?

Além disso, constatamos casos muito complexos de duplicidade de grafia: centroafricano (sem hífen), significa da República Centro-Africana e centro-africano (com hífen) significa da África Central. Qual a razão dessa duplicidade? Parece ser apenas o capricho da Comissão que elaborou o texto. Seria uma norma adrede preparada, para pegadinhas em concursos?

A Base XVI, 1f, diz: Usa-se o hífen, nas formações em que os prefixos tônicos/tônicos acentuados graficamente *pós-*, *pré-*, *pró-*, quando o segundo elemento tem vida à parte, (ao contrário do que acontece com as correspondentes formas átonas que se aglutinam com o elemento seguinte): pós-graduação, pré-escolar, pré-natal, pró-africano... Essa é uma norma um tanto subjetiva, que causa muita confusão e depende de interpretação pessoal.

Palavras que poderiam ser escritas com **k**, **w**, **y**

Com a readmissão dessas letras ao alfabeto português, muitas palavras – por sua origem – poderiam ser escritas com **k**, **w**, **y**. Mas quem vai determinar isso será o uso e, com ele, a aprovação da Academia Brasileira de Letras. Para o momento, basta que o leitor saiba disso e fique atento à tendência na mudança de grafia. Eu que leio jornal todo dia, já vejo articulistas e jornalistas escrevendo: kilo, kilograma, quilômetro... Como se escrevia antes do **k** ser cassado.

Palavras de origem grega

Alektoromania, dikastério, Íkaro, kabira, kaldéu, kaledônia, kalkografia, kaos, kamomila, karáter, karisma, kássia, katálise, katalasma, katarro, katarse, katástrofe, katatonia, katecismo, katekúmeno, kategorema, categoria, katekese, katequisador, katequisar, kateter, kate-to, keloide, kelônio, kerigma, Kersoneso, kiasma, kiasstro, kilíade, kilo, kilocyklo, kilógono, kilograma, kilolitro, quilômetro... kilópode, kiloton, kilovat, kilovolt, kímica, kimiotaxia, kiralgia, kiromancia, kiromante,

kisto... kloro, kloruremia, koanoide (em forma de funil), kólera, kolorragia, kolorreia, kolossal, koluria, kondrografia, kondroide (em forma de cartilagem), koriambo, Korinto, korografia, krestomatia, kromático, kromatina, kromatômetro, kromio/kromo, logokilia...

Do alemão, árabe, hebreu, holandês, inglês, japonês, russo, sânscrito e turco

Criquet, folklore, harakiri, Hokaido, hokey, ianke, ikebana, karaokê, karatê, karateca, karma, kastina, kefir, kermesse, kibutz, kimono, kiosque, uisky...

Do bantu, iorubá, kicongo, kimbundu e umbundo

Kabaça, kabaceira, kabinda, kadiado, kaju, kandeia, kanjica, kalundu, kalunga, kapoeira, karuru, katimba, kiabu, kikongo, kilombo, kizila, kitute, kizumba, kimbanda, kindim, kizomba, komboio, maka, makina, mukama...

Do tupi, da língua geral, do guarani e outras língua indígenas

Vários: jaguatirika, jakaré, jakarepinima, jakarétinga, Jekery, jikiá (armadilha), katinga, kaiçara, kaipora, kapivara, karimã, katanduva, katita, katolé, kauim, kaxinguelê, kipá (cardo rasteiro), kiriri (silencioso, calado), koité, kuandu, kunhã, kurimã, kurimatá, kurumim, kurupaí, kurupira, kururu, kutia, marakajá, maritaka, mokó, mukura, paka, perereka, tetekuera (o que já foi corpo), tokaia...

Cobras: akutiboia, jakiranaboia, jararaka, jararakuçu, kaninana, sakaiboia, sukuri, sukurijuba, sukuritinga, surukuku...

Formigas e Insetos: karapanã, kibukibura, kupim, mukirana, murisoka, mutuka, taioka, tapiukaba, tataoka, tatukaba, tapiukaba e trakuá.

Aves: akauã, aguapeçoka, anakã, bakurau, jaguakati, jakamim, jaku, jakupema, jakutinga, kaboré, kapote, karkará, makasica, makuká-gua, makuko, marakanã, peitika, pikuiguaçu, pikuipitanga, sabaku, sabiasika, sokó, takuara, takuaratinga, tapikuru, tukano...

Comidas e bebidas: karibé, karimã, kauim, mandioka, mindukuruera, pirakui, tapioka, tikira, tukupy...

Frutas e batatas: aratikum, bakaba, bakury, jetika (batata doce), jetikuçu, katolé, kupu, kupuaçu, kupuai, makaxeira, mandakaru, mandioka, marakujá, matury, mukunã, pakovan, peki/piki...

Palmeiras: bokaiuva, katolé, mukajá, mumbaka, tukum, tukumã, uakumã, urikury...

Peixes: akará, akary, araku, baku, guaraku, guarapiku, jakundá, jaraki, jukiá, jurupoka, kamurupim, kará, piraké/poraké, pirakava, pirakuka, paku, piraruku, tambaki, tukunaré...

Plantas: jakarandá, jakaretuba, japekanga, japikai, jarakatiá, jataysika, jekitibá, jikitaia (tipo de pimenta), juká, kaaguaçu, kaaguapó, kaaingá, kaajuçara, kaaobi, kaapi, kaapuã, kamará, karapinima, katan-duva, katiguá, kiri, kiriba, kopaíba, kuaçu, kupuaçu, makambira, manaká, mukuíba, mukugê [jê], mukunã, mukuri, oitycika, oitykoró, pakavira, pekiá, pekirana, sapukaya, takuara, takuary, takuaruçu, tararuku, tiririka, urukatu, uruku, urukurana.

Povos indígenas: arikém (AM), bakairi (MT), chakramekra (MA), jaikós (PI), Jukás (CE), kabixis, kaetés, Kaingangs (SC/PR/SP), kamayuará (MT), kamakã (BA), kampa (AC), kampé (RO), kanelas e karajás, (MA), karakarai (AM/GO/MT), Karamuru e kariris (PE/PB/CE), katuixis, kayapós e kawannis (AM/MT/PA/TO), kaxixós, kaxuiama (PA), kenkatejê, kokraimoro, krahós e krenak, (TO), kuikuru (MT), kustenau, makamekra (TO/MA), makuxis (RR), maxakali, nukini (AC), okrem (BA), purekamekra (MA), tikunas (AM), trukás (PE/BA), tupinikins, xaray (MT), xocós (SE), xukuru (PE).

Cidades: Akary, Jukás, Jukeri, Jukitiba, Kaikó, Kamaçary, Kamakã, Kamucim, Kanindé, Kipapá (lugar cheio de cardos rasteiros), Kixaba (pouso, lugar de dormir), Kraholândia, Krateús, Mukém (fogo fora da oca), Pirakuruka, Ykó, Ypu...

Antropônimos: kapixaba, karioka...

Utensílios: arapuka, arataka, jakumã, kicé (faca), kopé (cabana), kuia, maraká, pikerá, pikuá, pataku, kixó, muirakita (artefato feito com pedra verde), tukum...

Com a readmissão do *y* - por sua etimologia - as palavras abaixo poderiam ser escritas com *y*. Esperemos a tendência do uso e a decisão da Academia Brasileira de Letras.

Do grego

Ázymo, cyclo, cyklone, cilindro, cynófilo, cysne, cystite, cytologia...

Dynamite, dinamizar, dynastia, dysenteria, dysfagia, dysfasia, dysfonia, dyslalya, dyslexia, dyslogia, dyspneia, dysuria...

Gynásio, gyneceu, gynecofobia, gycologia, gynecomania, gyrino, gyro, gyroscópio...

Híbrido, hydra, hidráulico, hýdrico, hidrocele, hydrocisto, hydrodinâmica, hydroelétrico, hydrófilo. hydrogênio, hydrografia, hydrologia, hydromancia, hydromania... enfim, as 808 palavras iniciando com “*hidro*”, que estão no VOLP.

Hyena, hýgido, hygiene, hydrômetro, hýmen, hyno, hyoide, hypérbole, hypertermia... enfim, as 376 palavras iniciando com “*hiper*”, que estão no VOLP.

Hypoabissal, hypoacusia, hypocondria, hypocrisia... enfim, as 718 palavras começando com “*hipo*”, que estão no VOLP.

Hysteria... Lyceu, lynfa, lynce, lyra...

Myalgia, mycose, myelina, myelite... myocárdio, myografia, myoma, míope, myriade, myrra, mystério, mýstico, myto, mytologia, myxoscopia (=voyeurismo)... nynfa, nynfeta, nynfomania...

Óxydo, oxigênio, oxýtono, pygmeu, pyloro, pyócyto, pyorreia, pyra, pyrâmide, pyróbolo, pyrogêneo, pyroide, pyrofobia, pyromania...

Sybarita, sycômoro, sýlaba, sylepse, sylogismo, símbolo, symetria, sympatia, synfonia, syntoma, Synagoga, síncope, sýndico, sýndrome, Synédrio, synergia, sýnodo, synônimo, synopse, syntagma, syntaxe, sýntese, syringa, syrtes [pl. banco de areia], sistema, sýstole...

Tyflite, tyflógrafo, tyflogia, tyfo, tyfoide, tyfonemia, tylópodes, tylose, tímpano, typo, typografia, typologia, typometria, typómetro, typtologia (comunicação através de pancadas)...

Xylógrafo, xylologia, xylomancia (adivinhação pela madeira), xylófago, xylofônio, xylose...

Palavras africanas: Yansã e yorubá.

Do tupi-guarani

Atenção: Algumas das palavras abaixo terminadas com “y” poderiam ser acentuadas ou não. Eu optei por não acentuar. Uma possível legislação futura decidirá essa questão.

Animais, abelhas: jaboty, tapyr, tyú... jatay, jaty, mandaguary, mondury/mundury... gyboia.

Aves: guyrapuru, jandaya, juryty, maguary, mayria, patury, tuym, tuyuyu, yapakanyn...

Frutas batatas e comida: açay/assay/assahy, bakury, manayba, matury, tucupy...

Peixes: akary, lambary, mandy, pirahyba, matury...

Plantas: aypim, gityrana, jatay, jataysika, jataypeba, jatuayba, muricy, oity, oitycica, oitykoró, pindahyba, sapukaya, sarandy, tayoba, tayuya, takuary, tauary, tinguy, umary...

Palmeiras: airy, indayá, janary, makayba, urikury, yarivá/jerivá...

Povos Indígenas: aymara (na Argentina, Bolívia e Chile, cerca de 2 milhões), goytacaz (GO/TO), kamayuará (MT), payacu (RN/PB), yanayé (PA), yanomani e yawanawa (AM/AC).

Casa e Utensílios: tapiry (choupana), tipity (aparelho de palha para espremer mandioca), vatapy (instrumento musical).

Diversos: Jacyara (tempo de lua), Jacyguá (lua cheia), Jacyparana (rio da lua), Jurupary, Janayna, mambay (rio das samambaias), pacuy (rio dos pacus, peixe), pekiry/pikiry (rio do peki), Pikeroby (nome próprio), suruy/sururuy (rio dos sururus), tamanduatey (rio do tamanduá verdadeiro), taperyryca (pedra escorregadia), tyryrycal, uisky, voley, Yara (sereia e depois nome de mulher), yate, yene (moeda japonesa), yole, ypueira (terra que já foi fértil), yputinga (fonte de água branca, clara), ytui (cascatinha)...

Cidades e localidades: Acajutyba, Acaray, Anhemby (rio abaixo), anutyba, Apody (mundo florido), Araçay (rio dos araçás), Aracaty, Atybaia (uma planta), Itaypu (fonte das pedras)...

Bariry (rio da barragem), Baruary (rio dos mosquitos), Batovy (o que é verde), Beberybe (rio das raias)...

Caatyba (matagal), Cabugy (rio das vespas), Cajayba, Cambyra (galho espinhento), Capivary (rio da capivara), Carácaray (rio do carará), Carandyru, Cariacyca, Cariay (rio do homem branco), Carnayba,

Caturay (rio da palmeira catolé), Cauype (rio onde se bebe cauim), Cayru (recipiente de cauim), Coaracy (nome próprio masculino = sol forte), Corurype (rio do sapo), Cotegype (bebedouro dos cuatis), Cruçay (rio das cruzeiras)... Embirycyca (planta)...

Gravatay (rio dos gravatás), Guaracyaba (cabelos do sol), Guyratinga (garça branca), Gurupy (lugar onde os bagres se reproduzem)...

Imbuy (rio da madeira imbuia), Indyaroba (corruptela de andyroba = folha de morcego), Irajay (cortiço de abelhas), Iraty (ninho de abelhas), Itaberay (rio da pedra luzente), Itabyra (ponta de rocha), Itaboray (rio da pedra bonita), Itacaramby (pedra redonda), Itacy/Itaicu (fileira de pedras), Itaguay (rio amarelo), Itagy (machado de pedra)... Itayçaba (recipiente de água), Itaytuba (pedregulhal), Itajay (rio dos tajás), Itajuype (rio do ouro), Itambacury (rio dos tambaquis), Itapagype/Itapeby/Itapevy (rio da laje), Itapeceryca (pedra escorregadia), Itapy e Itapyra (ponta de pedra), Itaky (pedra aguçada), Itatyra (pedras amontoadas), Ytinga (rio claro), Itykyra (água que respinga), Ityruçu (morro grande), Itaoby/Itoby (pedra verde)...

Jacarecyca (resina de jacaré), Jacarey (rio do jacaré), Jaceguay (lua cheia), Jacy, Jacyaba (cabelos da lua), Jacuype (rio do jacu), Jaguary/Jaguarybe (rio da onça), Jaguaryuna (rio da onça preta), jekitay (rio da jequitiaia = formiga amarela), jenypabu (rio do jenipapo), Jekytnhonha (corredeira do jekyty), Jupyra...

Makayba, Mayporã (cidade bonita), Mairy, Mangaray (rio dos mangarás, planta), Mangaratyba, Maragogy/Maragogyca (rio do maracujá), Marapendy (lagoa clara), Marycoré (cidade nova), mearym (rio da caça), Miraguay (rio do miraguya, peixe), Myrandyba (bosque, floresta), Murityba/Murityca (palmeira), Mogy (rio das cobras), Mogykiçaba (pouso no rio das cobras), Morumby (mosca verde), Mucuricy (sementes de mucury), Mucurype (rio das mucuras), Mutuype (rio do mutum)...

Narandyba (laranjal), Natinguy (untado com tingui, planta entorpecente natural), Nhanduy (rio das emas)...

Oiticyca (planta da fam. das moráceas)

Paracamby (espuma), Paraguay e Paraguay (rio dos papagaios), Parany (rio pequeno), Paraty, Paranyba, Peruybe (água dos tubarões), Piray (rio dos peixes), Pirajyba (peixe assado), Pirangy (rio das

piranhas), Piripypau (ilha do brejo), Pitymbu (que fuma ou fumaça), Potengy (rio do camarão)...

Quaray (rio da furna)... Rorayma (formador do papagaio)...

Sairy (rio das lágrimas), Sambayba (planta), Sambaki (ostra), Sambakixaba (casca de conchas), Sapucay (rio das sapucaias), Sepery (rio de Sepé, que era um cacique guarani), Sepetyba (sapezal), Sergype/serigy (rio dos siris), Sernambityba (lugar de muita concha sernambi)...

Tabyra/Itabyra (pedra suspensa), Taguay (rio amarelo), Tambaky (casca de ostra), Tapiray (rio das antas), Takuaray (rio das takuaras), Taracuatyba (onde abundam as formigas taracuás), Tatuyby (terra do tatu), Tatajyba (arco de fogo), Taypu (fonte de pedra), Timbuy (rio dos gambás), Tinguacyba (planta medicinal da fam. das rutáceas), Torytama (região do farol), Trairy (rio das trairas), Tramanday (rio do besouro taramanday), Tucuruy (rio gelado), Tucuruvy (gafanhoto verde), Tupacyguara (mãe de Deus), Tupacyreta (região da mãe de Deus), Turyaçu (facho grande, farol), Tuyuti (barro branco), Tybagy (rio das uvaías, planta fam. das mirtáceas), Tybau (rio das frutas), Trycy (fileira de montículos), Tyetê (água boa), tyryryca (planta rasteira nociva às hortaliças)...

Ubay (rio das canoas), Ubyrajara (senhor da lança), Ubyratã (lança rija), Uybay (rio das flecahs), Uyrauna (pássaro preto), Uyrapiranga (pássaro vermelho), Uruguay (rio do caramujo)...

Yaçu (rio grande), Ybotyrama (canteiro de flores), Ybura (olho d'água), Ybyapaba, Ybyapina, Ybyassuscê (terra fértil), Ybycaray, Ybycuí (rio da areaia), Ybymirim, Ybypitanga, Ybyporã, Ybyrayara (senhor da lança), Ybyrapuera, Ybyrataia, Ybytinga (terra branca), Ybyuna (terra preta), Ycapuí (poço fundo), Ycarai (rio do poço), Ygaraçu, Yguaçu, Yguape (rio dos musgos), Yguaracy, Yguatemi (antigo bebedouro), Yguatu (cachoeira dos musgos), Yjuy (rio da espuma), Ypanema (rio impraticável), Ypaumirim (ilha pequena), Ypiranga (rio vermelho), Ypirá, Ypixon (rio preto), Ypojuca (água pouca), Yporanga (rio bonito, idem Yporá), Ypu (fonte, manancial), Ypueira (rio extinto), Ypumirim, Ytororó (nascente de água), Ytu (cachoeira), Ytuaçu, Ytuberá/Ytuberaba (cachoeira grande), Ytuim (cascatinha), Ytumbiara (cachoeira espreada), Ytumirim, Ytupeva (cachoeira baixa), Ytupiranga (cachoeira vermelha), Ytuporanga (cachoeira

bonita), Yturama (futura cachoeira), Ytutinga (cachoeira banca), Ytuverava (cachoeira brilhante), Yuna (rio preto), Yvayporã (rio bonito das frutas), Yvapé (caminhos dos musgos), Yvaté (elevado), Yvatuva (frutal, pomar), Yvoty, (flor)...

Essa pequena amostra nos dá uma ideia da riqueza linguística autóctone que foi abafada, com a eliminação das letras *k*, *w*, *y*, do nosso alfabeto.

As limitações do VOLP

Com o II Acordo Ortográfico (1945) foi decidido elaborar a listagem completa das palavras e expressões oficiais da língua portuguesa. Pela proposta, ela deveria conter todas as palavras da língua. Lendo o VOLP (2009) fui anotando palavras que não constam. Eis algumas delas, antigas e novas. Centenas de palavras - algumas antigas - ficaram ausentes dessa listagem.

- A:** anticológico, antieducativo, anti-religioso/antirreligioso, autoaceitação, autoimagem...
- B:** bioagiografia, bacteriofobia, belarussense (natural de Belarus), biocombustível, biodiesel...
- C:** cianofobia, ciberbulismo, cleptocracia, coenvolvimento, co-herdeiro, criptorquidia...
- D:** dacriofobia (fobia de lágrimas), demodê, demomania, dissincronia...
- E:** eclesiocentrismo, electroexecução, enoteca, esclerodactilofobia (f. de dedo duro), extrarringue...
- F:** facomania (mania de comer fava), filoteia (amiga de Deus, de 1630), fotorrecordação...
- G:** galactomania, garibaldinismo, geocultural, geoengenharia, gipsoteca, governância...
- H:** heliomania, hemerofobia, hemitriteia, hemoteca, hierofobia, hiperúmido, homem-bomba...
- I:** incontactável, indigomania/indigofobia; inter-reagente, irrepitível, insetofobia, insusceptível...
- J:** jatoplanador, jararaca-papuda, jogo-duplo, jogo-limpo, jogo-rápido, jogo do bicho...

- K:** kacum (ave, de 1618), kerigma, kênose, ketchup, kiribati, kit, kulturkampf...
- L:** lactomania, lagenomania (mania por garrafas), lipossucção, litofobia, logomaquia, ludíbrio...
- M:** macrofobia, manzoniano, martirofobia (fobia de testemunhar), miríadomania, monoliguismo...
- N:** nanofobia/nanomania, narcofobia, nectofobia, neocianito, neocatecumenal, neoeleito, ninchar.
- O:** objetor, ocrofobia (fobia de amarelo), orictofobia (fobia de fósseis), oromania, orquidofobia...
- P:** paleomania, pedonal, pinóquio, plagiofobia, plurireator, protorregra, psicomaníaco...
- Q:** quefirofobia/quefiromania, quênose/kênose, quenomania, quirofobia, quorum...
- R:** radiorrelógio, recolher, reexplicar, religiofobia, religiomaquia, ressistematização...
- S:** semissecreto, semi-habitual, semiobnubilado, sicofomania, socioeclesial, socioeducativo...
- T:** tacicema (formiga, 1587), talassomania, talibano, taperização (G.Rosa), telecâmera, telerreceptor.
- U:** ubapitanga, ufobia, ulissipofobia/ulissipomania, unidáctilo, uritinga (peixe), uterofobia...
- V:** vaca-louca, vacinomania, via-crucis, via-sacra, videofobia, videovigilância, viva-voz...
- W:** walkman, webcâmera, webmaster, winebar, wireless, workshop, worshop...
- X:** xeledéu, xantofobia/xantomania (f./m. de amarelo), xilarínea, xilofobia/xilomania...
- Z:** zantoxíleas (botânica), zelosamente, zelozia, zenólia (botânica), zequim (moeda), zé-ruela...

O VOLP de Portugal traz o termo “**sitiirgia**” e o do Brasil “**siti-irgia**”. Ambas as formas são inapropriadas. O termo vem da junção de duas palavras gregas: **σιτία** plural de **σίτος** = alimento + **εἰργία** do verbo **εἶργω** = repelir, portanto, repulsão de alimentos. O correto deve ser: *sitieirgia* ou *siteirgia*, essa segunda forma é mais eufônica.

Eu afirmo isso baseado nas normas para a formação de palavras e numa autoridade, Ramiz Galvão (1909). Os dicionários do Aurélio, Antônio Houaiss, Antenor Nascentes, Alvaro Magalhães, Frei Domingos Vieira e Silveira Bueno, não trazem essa palavra.

Na página 674, coluna 3, consta “prerrequisito” duas vezes, além da segunda forma pré-requisito. Mesmo se o VOLP é apenas uma listagem, em muitos casos careceria uma mínima informação, nos casos de hominímia e de segunda forma de uma palavra. Na página 605, coluna 4, a palavra “otoméria” (sic); não seria otometria? A segunda forma de optometria. Como saber?

À guisa de conclusão

Se esse III Acordo Ortográfico não for confirmado – e corre risco de não ser efetivado pelo desacordo interno, que aparentemente se tentou superar com a estranha duplicidade de normas – já valeu a pena, pois, embora não unificando a língua, ele já prestou-lhe um serviço. Se não for consolidado “in totum”, várias de suas boas propostas restarão. Eis algumas delas:

- 1) A readmissão das letras: **k, w, y**. Elas nunca deveriam ter saído do nosso alfabeto. A sua reinserção dependerá do uso pelo povo e da confirmação pela ABL. Eu vejo em jornais, e livros: kilo, kilograma, quilômetro, kilowatt, kilobyte... e kileragem = a atividade do killer.
- 2) A não acentuação das palavras paroxítonas em **ei, eia, oi, oia** e **oide**. Exemplos: ideia, assembleia, boleia, colmeia, Jureia, hacaneia, cefaleico, alcaloide, androide, ictioide, Idoia, jiboia, pinoia Joice, joia, Nagoia, facoide, tabloide, zebroide... (Base, IX, 3).
- 3) A não acentuação das formas verbais em “**e**” tônico fechado em hiato com a terminação “**em**” da terceira pessoa do plural do presente do indicativo: anteveem, circunveem, creem, deem, descreem, desdeem, desproveem, leem, preveem, tresleem, reveem, veem... (Base, IX,7). Atenção: a 3ª pessoa do pl. do ind. pres. de **ter, vir** e compostos, é acentuada: abstêm, advêm, contêm, convêm, detêm, entretêm, intervêm, mantêm, provêm, têm, vêm.

- 4) A não acentuação das palavras paroxítonas em vogal tônica fechada com a grafia “o”: abalroo, abençoo, abotoo, acoroçoo, acoo, assoo, caçoo, coo, coroo, destoo, doo, enjoos, desaco-roçoo, ensaboo, entoo, esboroo, escoo, esmoo, esterroo, ferroo, heroo, magoo, moo, perdoos, povoo, reboos, remoo, revoo, roo, sobrevoos, voo, zoo... (Base, IX,8).

Essas são as principais normas já assimiladas e em uso. Elas são importantes pois simplificam a língua. Essas regras permanecerão, mesmo se esse III Acordo não foi efetivado.

Lamentável no III Acordo Ortográfico foi a supressão do trema. Ele é importante não só para as palavras estrangeiras, mas também para exprimir o som gutural típico das línguas indígenas. Sem o trema, eloqüente pode virar um “elo quente”; delinqüente = delinqente; intranqüilo = intranqiloo; unqüento = unqento; lingüiça = lingiça... As palavras mal pronunciadas dificultam a comunicação, por falta desse importante sinal indicativo de que a vogal tremada, necessariamente deve ser pronunciada separada de sua vizinha. Muitas as pessoas – inclusive formadas e bem instruídas – não se apercebem disso.

Para finalizar – se alguém tem dúvida de minha posição – eu afirmo: “sinceramente, sou a favor da unificação gráfica da língua portuguesa, pois isso traz vantagens para os lusófonos do mundo. Uma seria pleitear o status de língua oficial da ONU, considerando o número de falantes. Mas – como penso ter demonstrado aqui – com as normas desse III ACORDO, lamentavelmente a nossa língua não está graficamente unificada”.

Bibliografia consultada

ABREU, J. Capistrano de – rã-txa hu-ni-hu-î A Língua dos Caxinauás. 2ª Edição. Livraria Briguet. Rio de Janeiro, 1941.

BUENO, Francisco da Silveira – A Formação Histórica da Língua Portuguesa. Livraria Acadêmica. Rio de Janeiro, 1958.

BUENO, Francisco da Silveira – Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa, 8 Volumes, Editora Saraiva, São Paulo, 1965.

CARDOSO, Armando Levy – Toponímia Brasilica. Editora Biblioteca do Exército. Rio de Janeiro, 1961.

COUTINHO, Ismael de Lima – Gramática Histórica. Livraria Acadêmica. Rio de Janeiro, 1962.

FIGUEREDO, Cândido de – A Ortografia no Brasil (História e Crítica). Editora Livraria Clássica. Lisboa, 1929.

FONSECA, Vasco da – Dictionnaire des Verbes Irréguliers et des Conjugaisons Difficiles de la Langue Portugaise. Editora Imprensa Nacional. Lisboa, 1984.

HOLANDA, Aurélio Buarque de – Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Editora Nova Fronteira, 1ª. edição, Rio de Janeiro. 1975.

HOUAÏS, Antônio – Dicionário Houaïs da Língua Portuguesa, Editora Objetiva Ltda. 1ª. edição Rio de Janeiro. 2009.

LEÃO, Duarte Nunes de – Ortografia e Origem da Língua Portuguesa. Editora Imprensa Nacional. Lisboa, 1983.

MAGALHÃES, Alvaro (Organizador) – Dicionário Enciclopédico Brasileiro – Editora Globo. Rio de Janeiro, 1957.

NAVARRO, Eduardo de Almeida – Método moderno de Tupi Antigo. Editora Global. São Paulo, 2005.

NASCENTES, Antenor – Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. (Primeira e Única Edição). Livraria Francisco Alves, Rio. 1932.

OLIVEIRA, Frei Hermínio Bezerra de – Acordo Ortográfico – Vocabulário das Palavras Modificadas. Editora Armazém da Cultura, Fortaleza, 2012.

OLIVEIRA, Frei Hermínio Bezerra de e Zacharias Bezerra de – Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Ed. Expressão Gráfica. Fortaleza, 2009.

RAMIZ, Galvão – Vocabulário Etimológico da Língua Portuguesa. Livraria Garnier, Rio. 1909.

SYMPSON, Pedro Luiz – Grammatica da Língua Brasileira (Brasílica, Tupi, ou Nheêngatu). Editora Fernades, Neiva & Cia. Rio de Janeiro, 1926.

TIBIRIÇÁ, Luis Caldas – Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi. Editora Traço, 1997.

Vieira, Frei Domingos - Grande Diccionario Portuguez - Ed. Ernesto Chardron e Bartolomeu H. de Moraes, Rio de Janeiro, 1871.

VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, 5ª Edição. 2009.

VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Porto Editora. Porto, Portugal. 2009.

